

O concelho da Murtosa em festa

Saudação



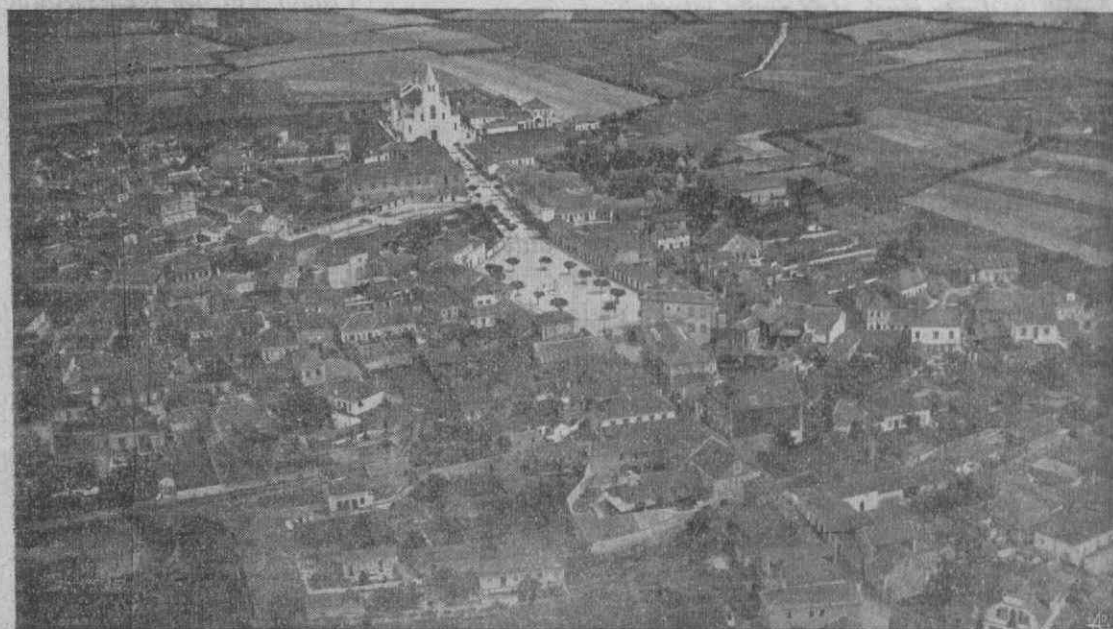
Ao comemorarmos o XXV aniversário da criação do concelho da Murtosa, seja-nos permitido, na qualidade de Presidente da sua Câmara Municipal e interpretando o sentir do seu povo, saudar, sincera e efusivamente, o Governo do Estado Novo, a quem testemunhamos, na pessoa muito ilustre de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, a nossa eterna gratidão por tão importante benefício recebido.

Nesta saudação relembramos, dum modo especial, com a mais sentida saudade, o Almirante Jaime Afreixo, o saudoso Ministro do Interior que assinou o decreto da nossa emancipação administrativa.

Não esquecemos também os velhos pioneiros da nossa autonomia, desde 1899 até 1926. Alguns são mortos já, outros ainda vivem. Para os primeiros vão a nossa saudade e o nosso eterno reconhecimento, este extensivo aos que ainda vivem e tiveram a felicidade de gosar os momentos que passam.

Deste lugar, pelo Correio do Vouga, o concelho da Murtosa, um dos mais novos e modestos concelhos de Portugal, sauda todos os demais municípios do país, e nós apresentamos à boa gente da nossa terra os mais sentidos agradecimentos pela colaboração que nos tem dispensado, a bem da MURTOSA.

Apolinário Portugal



A freguesia de Pardelhas, vista de avião. Ao centro da gravura, a praça onde vai ser inaugurado o monumento ao saudoso Almirante Jaime Afreixo

No regozijo da minha terra

QUERIDOS AMIGOS E CONTERRÂNEOS:

NÃO foi por acaso que o *Correio do Vouga* resolveu associar-se às festas do concelho da Murtosa. Ao contrário, presidiu à elaboração deste número um pensamento de ternura e de justiça. E que outros motivos não houvesse para tanto, ninguém poderia levar-nos a mal que fossemos, mesmo perdidos na multidão, com um abraço de carinho e um beijo que tem as graças do berço, de à fidalga vila da Murtosa as

janela aberta para a extensão cantante das nossas águas. E se, ainda por cima do primeiro campo de prata, adeja, em voo alto, a asa de três andorinhas, quero ver nela o sonho de mais grandeza, procurada e trazida também desse valor regional, pois nem de outra parte nos pode vir o fôlego da nossa vida, a respiração certa dos nossos pulmões. Se há na Murtosa outras riquezas, são todas, pen-
(Continua na pág. 7)



Dr. Apolinário da Silva Portugal
Presidente da Câmara Municipal
da Murtosa

palavras quentes do nosso aplauso e os votos sentidos do muito progresso que lhe desejamos. Nesta difícil tarefa de jornalista, quereríamos estar sempre, — bem o sabem todos —, onde está a alma do nosso povo, em suas alegrias ou tristezas. E é assim, aliás, que sabemos cumprir o dever que nos incumbe de não faltar a estes recados de terra para terra, de gente para gente, de sangue pra sangue, estando sempre presentes à voltados campanários ou das torres altas, das árvores velhinhas ou das fontes que não secam. É tange o sino para as alegrias do burgo, gostaríamos que sempre passasse por nós ao tenos o eco da voz do sino...

Há vinte e cinco anos, agora feitos na solenidade destas festas oficiais, ve a Murtosa abriu no espaço as cores da sua bandeira e a asa da sua liberdade. Nunca rocurámos saber como a hieráldica apresen o troféu das nossas legítimas glórias. Basta os conhecê-lo como o imperativo da alma dum povo que sentiu a força do sangue nas vas e agora não descansa na tarefa de ajeitar, em inteligência e coração, os canteiros floridos que a Natureza distribuiu nesta orla marítima deixado que foi, a Nascente, o fio longo da montanha.

Não é feita de pano a baleira da Murtosa. As bandeiras só dizem tu quando são a voz da terra e o grito da alma — quando são o bater de asas comum das peoas e das coisas. Pois eu quero ver nela não mais que uma

FÁTIMA

POUCA gente há que desconheça e não se deleite naquele quadro graciosíssimo de S. Agostinho e do Menino Jesus à beira do mar de Cartago.

O Menino era um menino como outro qualquer, que brincava na praia às areias e às conchinhas, com o seu chapélio de palha preso ao queixo por uma fita de nastro, descalço, molhado, dinâmico.

Mas ainda assim o grande bispo de Hipona poderia ter notado que o pequeno não se movia exclusivamente por se mover, quase não tendo outra razão para se mover senão a necessidade, a própria ideia, a própria força do movimento.

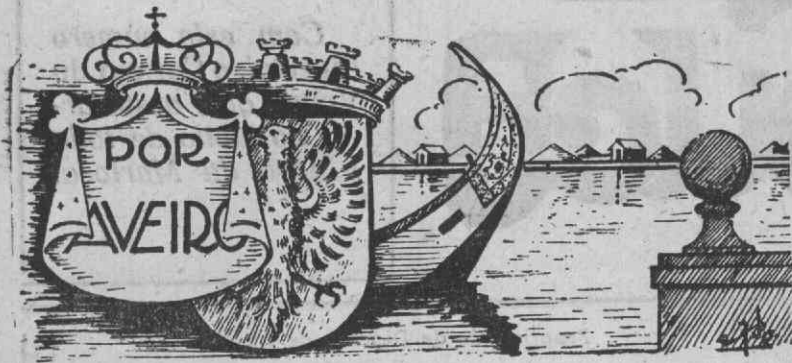
Não. Havia ali um propósito; havia ali uma insistência premeditada.

A criança descia à água da pequena lomba de areia

onde tinha aberto uma cova, enchia a concha, soprava para o ar a espuma, e com o passo cauteloso, não fosse a vasilha entornar-se, subia de novo a rampa suave, e despejava as preciosas gotas na exígua improvisada bacia, que tinha protegido, para elas se não perderem, com pedacinhos de cortiça e seixos limpidíssimos que o mar arrolou.

E repetia-se a operação em ritmo contínuo, perseverante, em série que parecia infundável como quem obedece a um pensamento previamente concebido e fielmente, sem conta de fadiga ou de tempo, executado. O Santo, esse, andava de cá para lá a ler o seu livro ou a conceber e a meditar na sua milagrosa cabeça as suas teologias, os seus tratados da graça, dos sacramentos, das

(Continua na pág. 4)



Valiosa oferta ao Museu Regional de Aveiro

O ilustre e benemérito aveirense sr. Dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico reformado do quadro do Ultramar, acaba de doar ao Estado, com destino ao Museu Regional de Aveiro, a sua valiosa colecção de objectos de arte oriental, constituída por um grande número de peças, algumas das quais bastante raras e de muito interesse.

O ilustre director do Museu, sr. Dr. Alberto Souto, aguarda autorização ministerial para aceitação da doação por parte do Estado, após o que procederá à transferência da rica colecção artística de Lisboa para esta cidade, e, de seguida, à sua montagem numa das novas salas daquele estabelecimento cultural.

O sr. Dr. António do Nascimento Leitão, autor de diversos trabalhos científicos e literários de muito merecimento, que já por seus actos de benemerência a favor de várias instituições de Aveiro, ganhara merecido direito à gratidão dos seus conterrâneos, com esta alta e significativa prova de dedicação à sua e nossa terra, novos e maiores motivos de reconhecimento creou.

Na singela notícia com que, por agora, assinalamos o seu generoso gesto, com o qual muito virá a enriquecer o património do nosso Museu, desejamos que fique exarado o nosso louvor e a expressão do nosso sincero apreço.

Rua de Cinco de Outubro

A Câmara Municipal, em sua última reunião, aprovou a modificação dos passeios da Rua de Cinco de Outubro, do Largo de Bento de Magalhães e da Rua de José Rabumba. Em virtude destes trabalhos, que vão iniciar-se, fica vedada a passagem de veículos do Largo de S. Brás para o Largo de Bento de Magalhães.

O projecto é da autoria do architecto Moreira da Silva, do Porto.

Capela do Cemitério Sul

Estão em vias de conclusão os trabalhos da construção da capela do cemitério Sul. Nela vão ser colocadas duas imagens, representando uma Nossa Senhora das Dores e outra S. José, um painel em azulejo com a Ascensão do Senhor, executado nas Fábricas Aleluia, e uma artística rosácia.

Missa dos Fiéis

No próximo dia 2 de Novembro, pelas 10 horas, a Câmara Municipal manda rezar uma Missa, na capela do Cemitério Central, por alma de todos os que ali estão sepultados.

Festas da cidade e centenário de Santa Joana

Conforme anunciamos, realizou-se na quarta-feira passada, promovida pela Câmara Municipal, uma reunião das forças vivas da cidade, a fim de se nomearem as comissões e se elaborar o programa das festas da cidade, a realizar no próximo ano conjuntamente com as celebrações do cente-

nário de Santa Joana Princesa.

Queremos já dar a notícia de que o sr. Carlos Aleluia se dignou aceitar a presidência da comissão central dos festejos. Este facto, só por si, é garantia de que as festas de 1952 se revestirão de esplendor e arte.

Agora, que a cidade saiba corresponder aos apelos que lhe forem dirigidos.

Na próxima semana nos referiremos, com mais desenvolvimento, aos números do programa que já foi delineado, ao menos como aspiração.

E' desejo de Sua Excelência Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo integrar nas festivas comemorações do centenário da nossa Padroeira a solene inauguração do novo Seminário.

Largo do Conselheiro Queirós

Iniciaram-se os trabalhos da colocação dos esgotos no Largo do Conselheiro Queirós, local ainda desprovido de saneamento.

Monumento ao Dr. Lourenço Simões Peixinho

Do sr. Arnaldo Ribeiro, director do jornal local *O Democrata*, recebeu a Câmara Municipal a quantia de 11.497\$80, produto de uma subscrição e respectivos juros, que aquele semanário abriu em 1942, com destino à construção de um monumento ao falecido Presidente do Município, Dr. Lourenço Simões Peixinho.

O plinto do monumento deve começar a ser colocado ainda esta semana.

Culto de Santa Joana

Recomeça amanhã a celebrar a Missa dominical, na

Vida de Sociedade

Aniversários

Amanhã — Padre Mauuel Valente dos Santos Conde. Em 29 — D. Rosa de Sousa Cristo e D. Madalena Correia Ventura.

Em 31 — Maria Adelaide Barreto Cerqueira, filha do sr. Décio Cerqueira, Tília Cândida Alves de Morais Calado, filha do sr. José da Purificação Morais Calado, e Padre Carlos da Silva Marques.

Em 1 de Novembro — D. Olga da Cruz Martins Magalhães, esposa do sr. Alvaro Magalhães, Padre João Baptista Simões e Padre António Valente Nunes Antão.

Para o estrangeiro

Para a Suíça, onde vai completar o curso de engenheiro, partiu o nosso conterrâneo António Ferreira, filho do industrial sr. António da Costa Ferreira, sócio da Fábrica de Lixa Lusostela.

— Ajm de visitar a indústria hoteleira, partiu também para a Suíça o sr. Aristides Leite Ferreira, filho do proprietário do Arcada-Hotel, sr. Aristides Tavares Ferreira.

Baptizado

Foi baptizado no último domingo o filhinho do sr. Eng. José Pereira Zagaio e de sua esposa sr.^a D. Maria Rosa Cardoso Gamelas Zagalo, recebendo o nome de João Carlos. Foram padrinhos o sr. Coronel João Pereira Tavares e a sr.^a D. Margarida Cardoso, residente no Rio de Janeiro. Por procriação, foi madrinha a tia da criancinha, sr.^a D. Maria José Cardoso Gamelas.

Donte

Encontra-se loente o estudante do liceu António Leopoldo de Albuquerque Christo, filho do distinto advogado e nosso antigo director sr. Dr. António Christo.

O Correio do Vouga faz os mais ardents votos pelas suas rápidas melhoras.

igreja de Jesus, rev. P.e Manuel Caetano Flalço, Capelão da Real Irmandade de Santa Joana Princesa. Missa principia, como de costume, às 10 horas.

Exposição de arte

Encontra-se nda aberta, no Club dos Galitos a exposição de quadros a óo e desenhos à pena do artista Guerra de Abreu, que pela primeira vez apresenta trababs em público.

A exposição m sido muito concorrida e apciada, salientando-se os denhos à pena.

Escola laval

Com boa clificação, foi admitido no 1.^o no da Escola Naval, Carlos Aerto da Costa Monteiro, filh do falecido José Maria da Gta Monteiro, desta cidade.

Desejamos acbrioso estudante as melhos felicidades.

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

DELEGAÇÃO DE AVEIRO

EM 9 DE NOVEMBRO PRÓXIMO

Inauguração da temporada de 1951-1952, com a

Grande Orquestra Sinfónica de Bamberg

Dirigida pelo notável Maestro KEILBERTH

Aceitam-se inscrições de novos sócios na :

Secretaria do C. C. Musical (Fábricas Aleluia) e na Comissão Municipal de Turismo.

FALECIMENTOS

Dr. José Julio César

Faleceu recentemente em Vizeu o sr. Dr. José Júlio César, pai dos srs. Tenente-coronel Américo Martins de Roboredo Sampaio e Melo, 2.^o Comandante do Regimento de Cavalaria 5, desta cidade, e Comandante Armando Martins de Roboredo Sampaio e Melo.

O Dr. José Júlio César era um advogado distintíssimo e foi sempre um grande propagandista do regionalismo beirão. Homem de bem, possuía inúmeros amigos que profundamente sentiram a sua morte.

A Comissão Municipal de Turismo de Aveiro aprovou um voto de pesar pelo seu falecimento, atendendo ao interesse e à simpatia que sempre dispensou à nossa cidade.

O Regimento de Cavalaria 5 fez-se representar no funeral, realizado, com grande acompanhamento, para S. João do Monte.

O *Correio do Vouga* apresenta a toda a família e muito especialmente ao sr. Tenente-coronel Américo Roboredo os seus cumprimentos de sentido pesar.

Raúl Martins Leite

Faleceu em Espinho, na segunda-feira passada, confortado com todos os sacramentos da santa Igreja, o sr. Raúl Martins Leite, de 70 anos de idade, antigo Inspector do Ensino Primário em Aveiro. Era casado com a sr.^a D. Adélia Martins, que deixa viúva, e pai das sr.^{as} D. Maria do Rosário, residente em S. João da Madeira, D. Maria Emília, ausente no Congo Belga, D. Isabel, residente no Alentejo, e D. Olga da Cruz Martins de Magalhães, casada com o sr. Alvaro Júlio Magalhães, funcionário da Agência do Banco de Portugal nesta cidade.

O saudoso extinto foi sempre um homem de bem, um grande chefe de família e um

funcionário honestíssimo, por todos profundamente estimado. Aceitou a morte com inteira resignação cristã, de mãos postas e olhos presos no céu.

O seu funeral realizou-se na manhã do dia 24, sendo o corpo transportado para a Vila da Feira, no pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários daquela localidade, após a Missa celebrada na igreja paroquial de Espinho.

A toda a família e muito especialmente a sua filha sr.^a D. Olga de Magalhães apresentamos os nossos sentimentos de pesar, rogando aos leitores a caridade de uma oração por sua bela alma.

Izequiel da Silva Pinho

Faleceu em Estarreja, na tarde do passado dia 22, o sr. Izequiel da Silva Pinho, de 75 anos, comerciante.

O falecido era pai dos srs. Manuel da Silva Pinho, Joaquim da Silva Pinho, Dr. Francisco da Silva Pinho, Juiz em Albergaria-a-Velha, e Eng. Norberto de Pinho, e das sr.^{as} D. Maria Albina Soares de Pinho e D. Albertina Soares de Pinho Figueiredo.

O funeral, muito concorrido, realizou-se no dia seguinte, naquela vila.

A toda a família envia o *Correio do Vouga* os seus sentimentos de pesar.

O nosso Director

Já se encontra em Aveiro o nosso director, rev. Padre Manuel Caetano Fidalgo, que retoma, com o presente número, os seus trabalhos do *Correio do Vouga*.

"Arquivo do Distrito de Aveiro"

Estamos informados de que o *Arquivo do Distrito de Aveiro* vai publicar um número especial no próximo ano, inteiramente dedicado à Princesa Santa Joana.



Máquina de Costura Portuguesa

APRESENTA

A serie de Ouro

Em exposição e venda a prestações e a pronto

No estabelecimento da concessão:

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 51 e 51-A

Telefone 462 — AVEIRO

FUTEBOL

Beira-Mar — Lamas 2-0

Não há grupos fracos. Este o pensamento que dirigentes e atletas sempre devem respeitar. Menosprezar o valor dos adversários, é dupla falta e, quantas vezes, prejuízo.

Em muitos encontros, a sorte do jogo só é conhecida no último instante. Até lá, a incógnita é insolúvel. O Beira-Mar, é possível, talvez não tenha encarado a contenda com optimismo exagerado. Todavia encontrou grandes dificuldades para triunfar, tardando os golos a aparecer. O público adepto ao grupo local sentiu impaciência e alvoroço justificados, recebendo o aparecimento do primeiro golo com intenso júbilo, a avaliar pela ovação de reconhecimento. Se dominar o adversário é sintoma de superioridade, essa virtude não basta. É preciso algo mais, que muitas vezes é busilis intransponível e fatal.

O Beira-Mar ganhou a golpes de energia e o triunfo foi merecido em absoluto. Com rematadores mais expeditos, o desfecho podia ter alcançado expressão bem mais elevada. O sector dianteiro complicou muito o seu trabalho.

O estreante Pacheco fez exibição prometedora no lugar de extremo direito. Com Daniel, formou o duo de avançados mais profíquo. Campos trabalhou imenso, tanto a defender como a cimentar o ataque. A defesa, sem apertos, cumpriu.

Nos visitantes, Iteira foi a figura central. Bom jogador dos pés à cabeça, constituiu barreira difícil de transpor. Fausto cumpriu bem. Os restantes, apenas esforçados.

Sob a arbitragem de Mário Garcia, os grupos alinharam:

Beira-Mar—Neves; Helder e Barreto; Campos, Pinho e Valente; Pacheco, Daniel, Samuel, Hermitério e Costa.

Lamas—Fausto; Sousa e Brito; Coelho, Iteira e Ferreira; Leandro, Resende, Ramiro, Neca e Silva.

Os golos foram marcados por Pinho, em conclusão dum livre de canto, e por Daniel.

O trabalho do árbitro teve na imparcialidade o melhor atributo.

Em reservas, o Beira-Mar derrotou, copiosamente, o antagonista por 11-0. O Espinho ganhou pela tangente (2-1) e Sanjoanense e Oliveirense empataram (1-1).

Jogos para amanhã:

Beira-Mar - Sanjoanense, em Aveiro.
Oliveirense - Espinho, em O. de Azeméis.
Lamas - Ovarense, em Lamas.
Três partidas, qualquer delas com a maior importância. Nas duas primeiras, está o título em causa, enquanto na terceira se discute o último lugar da classificação heral.

Cinema

NA TELA

HOJE:

A Lâmpada Azul— Filme de carácter policial, interpretado por Dick Bogard e Jack Warner. Exibe-se no Teatro Aveirense.

AMANHÃ:

O Libertador— David Niven e Margaret Leightom são os principais intérpretes desta película, que foca alguns aspectos da história da França na época do terror. Exibe-se de tarde e à noite no Cine Avenida.

Emigrantes clandestinos— Uma película de espionagem com Howard Duff e Marta Toren. Exibe-se de tarde e à noite no Teatro Aveirense.

TERÇA-FEIRA:

Uma rapariga e duas canções— Película em technicolor com June Haver, Dennis Day e Harry James. Exibe-se no Cine Avenida.

Morreu a Rainha Senhora D. Amélia

No seu Palácio de Bellevue, em França, faleceu, às 9,35 horas da passada quinta-feira, a Rainha Senhora D. Amélia de Portugal.

SEXTA-FEIRA:

Amor de Perdição— Reposição de uma das melhores películas portuguesas sob o aspecto técnico de fiel adaptação à obra de Camilo Castelo Branco. Alguns valores do cinema nacional como António Silva, António Vilar, Igrejas Caeiro e Carmem Dolores vivem com intenso realismo os personagens principais. É um filme que merece ser apreciado por adultos. Exibe-se de tarde e à noite no Teatro Aveirense.



FUTEBOL

Campeonato Regional da Divisão de Honra

Os anos sucedem-se, os impeonatos sucedem-se e os factos sucedem-se — e confirmam-se. A história é sempre a mesma, quase sempre com os mesmos «personagens» e a mesma incerteza, enervante mas útil, que perduram nesta renhida competição entre clubes da A. F. Aveiro, tornando-a sui generis entre quantas se efectuam no país. Nenhuma outra a excede em emoção e entusiasmo. Os cultivadores de prognósticos, por seu turno, têm campo difícil para cogitar, para, afinal, se verem desfeiteados a cada passo, por mais peritos e calculistas que sejam. Este campeonato é um autêntico labirinto, que em cada encruzilhada, apesar do dístico «cuidado», possui uma estrada tentador que arrasta os mais cautelosos e sensatos a trocar o rumo excto.

Embora a hipótese não fosse de todo inviável, quem esperava que a Sanjoanense, com o título a bailar-lhe nos olhos, sucumbisse no seu campo frnte à rival Oliveirense? Contudo, o golpe teatral deu-se, adiado a decisão, cremos que até ao expiar da derradeira jornada. A prova nada perdeu. Pelo contrário, ganhou nova aliciant, com quatro comparsas a degladiarem-se com toda a gama de recursos, tornando a caminhada para a meta verdadeiramente empolgante.

Amanhã, a corrida premete...

A derrota da Sanjoanense (2-1), imposta pela Oliveirense no campo «Conde Dias Garcia», provocou desespero em S. João da Madeira, e decepção, ou melhor, estupefacção no distrito. Vitoriosa na jornada anterior, por um resultado retumbante que lhe abriu os portais do caminho que o conduziram ao título, viu-se, num momento desafortunado, metida num beco embaraçoso, em que a penumbra lhe perturbou a direcção. Não perdeu o norte, mas perdeu em favor do adversário distância muito custosa de recuperar.

Disse-se que a defesa Sanjoanense deu o flanco, que a sua avançada fraquejou e que a Oliveirense se defendeu com gana e felicidade. Não final, o que conta é o resultado.

A Ovarense foi a Espinho, procurando em derradeiro esforço melhorar a sua posição neste malhadado campeonato para a sua agremiação. Desfalcada e actuando no campo do adversário, teve de curvar a cerviz perante a melhor pontaria dos locais, perdendo por 3-1.

Quadro da classificação

	J	V	E	D	F	C	P
Oliveiren.	8	4	3	1	20	16	19
Espinho	8	4	2	2	19	10	18
Sanjoanen.	8	5	0	3	16	10	18
Beira-Mar	8	4	1	3	17	15	17
Ovarense	8	1	2	5	8	18	12
Lamas	8	1	2	5	12	23	12

Em reservas, o Espinho (19)

continua a comandar, com a vantagem, apenas, de um ponto sobre o Beira-Mar (18). O título virá a decidir-se no jogo entre os dois.

Sindicato Nacional dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares do Distrito de Aveiro

Convocatória

Nos termos da alínea a) do Art. 24.º do nossos estatutos, convocamos a Assembleia Geral Extraordinária deste Sindicato Nacional para o dia 29 de Novembro p. f., pelas 10 horas, na sede Sindical, à Rua 31 de Jeiro, n.º 16-1.º com a seguinte

ORDEM D TRABALHOS

Nomeação Presidente da Direcção.

Não começando à hora marcada núro legal de sócios a Assembleia Geral funcionará umora depois, com qualquer núro.

Aveiro, 21 de Outubro de 1951.

O Presidente Assembleia Geral,

a) João da Carnação Lopes

Santa Casa da Misericórdia de Aveiro Enfermeiro Diplomado

Para os devidos efeitos se torna público encontrar-se aberto concurso documental para o preenchimento da vaga de ENFERMEIRO, com o vencimento mensal de 1.000\$, com direito a alimentação.

Os candidatos, além do requerimento em papel selado, dirigido ao Provedor da Misericórdia e do Diploma de Enfermagem, deverão apresentar na Secretaria desta Santa Casa, até ao dia 15 de Novembro de 1951, os documentos referidos nos n.ºs 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º do Art. 460.º do Código Administrativo. Aveiro, 22 de Outubro de 1951.

A Mesa Administrativa

Prédio

Vende-se em Cacia, na Estrada Nacional, novo, de 1.º andar, bom quintal, servido por duas ruas. Trata António Perfeito — Cacia.

Agradecimento

Dr. Manuel Soares e sua esposa D. Viginia Monsó de Moura Coutinho de Almeida de Eça Soares, imensamente gratos por todas as atenções recebidas pela morte de sua filha, renovam, por este meio, o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que os acompanharam em tanta dor e pedem desculpa de qualquer falta involuntária que houvessem cometido nos seus agradecimentos.

VOLKSWAGEN

Absolutamente novo, sem ter rodado — acabado de sair do Stand — vende-se, abaixo da tabela.

AUTO-COMERCIAL DE AVEIRO, LTA.,

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 44
AVEIRO Tel. 150-561

Campeonato Regional da I Divisão

R. de Agueda - Lourosa — 3-1
Bustos - Cucujães . . . — 0-0
Alba - Estarreja — 3-1

Recreio de Agueda e Cucujães entraram com o pé direito, como se dizer-se, no Campeonato. O primeiro, ganhando em Lourosa, chama a si as honras da jornada, conhecidas as dificuldades que, geralmente, ali se encontram. Foi um bom começo, sem dúvida, a indicar-nos que há que contar com a turma aguedense, talhada como séria pretendente ao título. Ao grupo não falta mocidade, que orientada pela experiência e saber desse magnífico Adolfo, pode desempenhar papel primordial na valorização da equipa, que revela agradável fio de jogo, como lhe vimos num simples jogo-treino.

O Cucujães também se saiu airoso do primeiro embate. Empatar com o grupo bairradino no campo deste, é proeza que lá mais para diante não se torna fácil. Sorte, portanto, para a agremiação de Cucujães, que recolheu um ponto a mais que sonhava.

O triunfo do Alba estava dentro das previsões, tanto mais que o Estarreja não pôde apresentar o seu melhor, que ainda por cima alinhou com um guarda-redes improvisado.

E a procissão vai continuar, durante nove domingos, com o inevitável rosário de imprevistos, verdadeiro acicate para os adeptos dos grupos envolvidos na prova, que hão-de suportar horas boas e... amargas.

Quadro da classificação

	J	V	E	D	F	C	P
R. Agueda	1	1	0	0	3	1	3
Alba	1	1	0	0	3	1	3
Bustos	1	0	1	0	0	0	2
Cucujães	1	0	1	0	0	0	2
Estarreja	1	0	0	1	1	3	1
Lourosa	1	0	0	1	1	3	1

Jogos para amanhã

R. Agueda-Bustos, em Agueda
Estarreja-Lourosa, em Estarreja
Cucujães-Alba, em Cucujães

Notícias em «comprimidos»

BASQUETEBOL—A actividade da nova época deu já os primeiros sinais de vida no distrito. A Sanjoanense, salvo erro, foi a primeira agremiação a movimentar a modalidade, defrontando no último domingo o Salgueiros, vencendo por 37-35.

—Os representantes dos Galitos, sob a direcção de Mário Rocha e Artur Fino, iniciaram também já a sua preparação, contando com muitos praticantes jovens.

—Lamentavelmente, o Beira-Mar parece

(Continua na 9.ª pág.)



FALAI, SENHOR...

No Evangelho está a divina resposta (Jesus foi preso, condenado pelo Sinédrio e insultado. Depois foi levado a Pilatos para este, por sua vez, o julgar, pois é acusado perante ele de se declarar rei). Pilatos pergunta-lhe: então, tu és Rei dos Judeus? Jesus respondeu: dizes isso de ti mesmo ou repetes a acusação que contra mim te fizeram? Pilatos reponta: eu não sou judeu. Foi o teu povo e os padres que te entregaram nas minhas mãos. Porquê? explica o que fizeste?...

S. JOÃO, XVIII

Ninguém pode apagar do céu o plano de Deus. Ninguém pode tirar da terra a Igreja de Deus. Deus prometeu-lhe toda a redondeza do mundo e ela encheu a terra inteira.

S. AGOSTINHO

Quando, após a traição de Getsémani, Jesus foi arrastado ao Sinédrio, seus inimigos jurados deram-no como culpado de blasfémia e, por esse crime sacrílego, merecedor da morte infame. Em presença de Pilatos, porém, tal acusação não deve ser procedente. O magistrado romano não lhe daria seguimento. Encolheria os ombros, desdenhoso e divertido. Vexaria e desautorizaria a suprema autoridade de Judá. Não podia ser. A acusação de blasfémio ficaria na sombra.

O entusiasmo do povo por Jesus é que vai, inesperadamente, inspirar os termos da acusação ao representante do Império. Ainda poucos dias antes, Jesus fora saudado e aclamado como Rei. Nem se sabe mesmo como a guarnição romana fechou os olhos ao clamoroso caso. Essa manifestação popular não foi coisa fortuita e imprevista. Tinha antecedentes que de longe vinham. Quando pela primeira vez multiplicara os pães no deserto, já o povo o quisera fazer Rei e era sabido de todos que, pelos caminhos de Judá, os estropiados e doentes imploravam a sua compaixão e a ajuda da sua virtude, dando-lhe pródigoamente o título real, por excelência, de Filho de David.

Seria essa, pois, a acusação ideal perante o magistrado de Roma. Não poderia ignorá-la, nem havê-la por coisa somenos. Aceita a questão nestes termos, havia boas razões que forçariam a mão do juiz no bom sentido, mau grado seu.

Surpreso e não era para menos, Pilatos vê os membros mais ilustres do Sinédrio apresentarem-lhe um Jesus inimigo do Imperador, perigo permanente para a ordem romana, cuja autoridade procurava subverter. O acusado só curara de ganhar a confiança e o favor do povo, aos olhos do qual se fizera passar por Filho de David. Almejava ser Rei de Judá. Não tivera jamais outro fito.

Outra surpresa para Pilatos: Jesus não foge à acusação, nem a ilude. É o Rei da verdade! mas que coisa será a verdade? O Procurador do Império apenas conhecia uma

verdade e essa era um tecido inextricável de mentiras: a carreira das honras públicas. O seu assombro aumenta, quando Jesus insiste e aclara: Não é deste mundo o meu reino. Fosse o meu reino deste mundo e eu não cairia em mãos de Judeus. Valer-me-ia a minha gente... Sou Rei de verdade. Para isto vim ao mundo: dar testemunho da verdade...

Estranha realza aquela! Assenta seu trono num curral de animais, antes de o transportar para a Cruz do Calvário. Não procura manifestar-se em alardes de força. Não intenta escravizar corpos e almas. *Vinset vir, non vin pua ser servido!*

Se procura ganhar os corações, é pelo poder persuasivo do amor, pela doçura da gratidão. Conhecem bem os segredos dessa realza estranha e jamais vista nem ouvida todos aqueles que Jesus curou, os cegos que alumiou, os mortos que ressuscitou, e a Samaritana a quem revelou a verdade, e Madalena a quem furtou às cadeias do inimigo das almas, e a adúltera a quem salvou da morte e da infâmia.

Esta é a realza de Jesus, realza universal, a cuja autoridade e soberania nada se furta. *Todo o poder me foi dado no céu e na terra.*

Rei da inteligência, Jesus é a própria verdade. Todo aquele que se afasta da sua palavra não pode encontrar senão a dissipação e a treva. Rei das vontades, Jesus é o termo de todos os nossos esforços, o princípio e o fim, a força encorajadora após a derrota, o prêmio glorioso das nossas vitórias.

E é finalmente Rei dos corações. Não procurou a nossa admiração, mas o nosso amor. E deu-nos uma lei sem par entre as leis que se dão os homens: a lei do amor. *Nisto conhecerão os homens que sois meus: se vos amardes uns aos outros.*

Repetirá hoje o mundo o grito dos judeus: não o queremos para rei? preferir-lhe-á a realza do ódio? escolherá o domínio da bomba atômica? Abre-se diante dele a encruzilhada da decisão.

João Ninguém

Secretaria Episcopal

Canonização do Beato Nuno

Estando já à porta a Nove-
na do Santo Costável—28
de Outubro a 1 de Novem-
bro—deseja a Cruzada Na-
cional de Oração pela Canoni-
zação do Beato Nuno, fazer,
neste seu 3.º an.º de propa-
ganda, um novo e possivel-
mente decisivo esforço para
que esses dias sem de prece
ardente e incessante, não só
das crianças made todos os
amantes de Deus da Pátria.

A elevação de um santo aos
altares é obra dura e a
do Beato Nuno deve ser, por-
tanto, fruto de prece ardente
de todos os portugueses e
dos pequeninos holocaustos
das crianças, especialmente
dos Cruzadinhos Eucarísticos.

Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor
Arcebispo-Bispo de Aveiro
exorta, por estemeio, mais
uma vez, o clero e os fiéis da
diocese a executem, com a
maior confiança e devoção, o
programa que lhes é propo-
sto no jornal *Monumento*,
desde Outubro de 1951.

Muito convem que as crian-
ças da Cruzada Eucarística e
todas as outras olham flores
espirituais, que os Centros e
Colégios mandem para o Se-
cretariado da Cruzada Eucari-
stica das Crianças—R. dos
Douradores, 57, Lisboa, a fim
de serem oferecidas, em De-
zembro, junto às relíquias
do Beato Nuno.

Que Deus abençoe esta mag-
nífica cruzada, para que em
breve todos possamos ver nas
honras dos altares a extraor-
dinária obra de um Santo que foi Nuno Álvares Pe-
reira.

Peditório nacional para os cancerosos

Pedem-nos para comunicar,
da Secretaria Episcopal da
Diocese, que Sua Ex.ª Rev.ª
o Senhor Arcebispo-Bispo de
Aveiro autoriza que se realize,
nos dias 1 e 2 de Novembro,
nesta diocese, o habitual pe-
ditório a favor dos cancero-
sos, e recomenda aos sacer-
dotes que se associem, mais
uma vez, a este nobre esforço,
destinado a recolher fundos
para que a tão benemérita
obra da *Liga Portuguesa con-
tra o Cancro* possa continuar
no seu progresso desenvolvi-
mento.

Importante!

—Talhamento
36 peças 10\$00
123 > 75\$00
—Formas Suas 96\$00
—Ceias de Cto 60\$00
—Passadeira olead—mtr. 18\$00
Barato e B. só na

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 24—AVEIRO

A propósito: avia em
oscovo um
templo magnífico a Catedral
do Redentor. Eribaram-no
para erguer em lugar, si-
nal dum culto na novo des-
caminho de huna loucura,
uma estátua colol a Lenine.
Estamos nos típodas do
Reino de Cristo.

FESTA DE CRISTO-REI

Celebra-se amanhã, na Sé Catedral, a Festa de Cristo-Rei.

E' a Festa da Acção Católica. Todos os católicos, por isso, devem colaborar, para que ela seja cheia de esplendor.

PROGRAMA

Hoje, às 9 h. da noite — *Hora de Adoração ao Santíssimo Sacramento.*

Amanhã, domingo — *A's 8,30, Missa e Comunhão Geral.*

A's 10,30 — Canto de Tércia.

A's 11 — Solene Pontifical.

A's 15 — Exposição do Santíssimo, na Sé, seguida do juramento dos dirigentes diocesanos.

A's 16 — Sessão, na Casa da Acção Católica.

Fátima

(Continuação da 1.ª página)

virtudes, da redenção, ou alguma daquelas homilias ou sermões ao povo, que são ainda agora e hão-de ser sempre o encanto das almas.

Mas aconteceu-lhe o que acontece tantas vezes quando o cérebro está em tumulto dentro do crâneo: os olhos fixam-se num ponto qualquer, ao princípio sem verem nada, porque está longe, muito longe dali a luz interna que os ilumina, mas dando conta por fim do que se passa, deixando lentamente as nuvens até tocar com os pés no chão.

— Que andas tu a fazer, menino? perguntou Agostinho ao pequeno trabalhador.

— Ando a mudar o mar para este buraco, respondeu-lhe a criança.

— Era preciso, para isso, que essa concha fosse imensa como o céu, e o teu braço onipotente como o braço do Criador.

— E no entanto, Agostinho, mais fácil me seria a mim meter num dedal as estrelas e os oceanos, do que a ti, ousado pensador, meter a Trindade ao alcance da tua vista, desarmada da fé.

E desapareceu tudo aos olhos do linco: o Menino, a cova, o mistério.

*

Porque me lembrei agora deste relâmpago tão vivo, tão deslumbrante da história do famoso filho de Mónica?

Por uma destas mesmo remotas analogias, que encaminham às vezes a nossa pena, quase sem nós darmos conta do rumo que ela, sob essas influências, começou a levar.

Fátima é já um mundo: e um mundo numa tal extensão, dum tão imenso volume, dum vida tão forte, tão ardente, tão luminosa e ao mesmo tempo tão complexa, tão variada, que já não é possível metê-la numa concha qualquer, numa covinha de areia, muito menos em duas ou três colunas dalgum *Correio do Vouga*. Ainda me passou pela mente deixar neste album dos últimos passos da minha jornada na terra, neste escrínio do coração, qualquer coisa dos clarões de Fátima no encerramento do Ano Santo.

A inaudita inundação de gente que ali ocorreu das cin-

co partes do mundo, atraída por uma luz semelhante àquela que guiou os pastores e os magos à solitária gruta onde Jesus nasceu! Bem se sabe que o mundo é grande e imensa a população que o enche; mas isso não tira que, diante daquela seara sem fim de cabeças, daquela verdadeira imensidade humana, nós não tivéssemos a ilusão de que o universo inteiro se despejara ali, que ficara vazio dos seus habitantes o resto do mundo. Eu já tenho sido testemunha, sobretudo em Roma, de ajuntamentos formidáveis, maravilhosos: mas estou na impressão de que eles, à vista de Fátima, passariam quase despercebidos, como se não fossem mais do que a praça de Oliveira do Bairro ou de Estarreja aos domingos, ou o povo, na Misericórdia ou na Sé, a sair da igreja. O corpo da Igreja nunca terá parecido, como ali, unido, junto, compacto.

E o que era mais para nos encher de admiração e de assombro, aquele corpo enorme, infinito, tinha só uma alma, era movido pelo sopro dum só espírito. *Cor unam et anima una.*

O ar que se respirava ali era o mesmo para todos os peitos, a mesma luz celeste iluminava por igual todas as frentes. Eu já ouvi uma vez dizer a um pároco: na minha freguesia, onde há cinco moradores numa casa, há pelo menos seis ou sete opiniões diferentes acerca de qualquer assunto. Se este pároco, em vez de ser pároco de uma aldeia minúscula, fosse um dia pároco de Fátima, poderia dizer, ao contrário: na minha freguesia há mais de um milhão de habitantes, e sobre qualquer assunto, sobretudo em assuntos de oração, em assuntos de penitência, a palavra é a mesma em todos os lábios, em todas as línguas, a respiração é a mesma em todos os corações.

Mas que estou eu a fazer afinal?

Como o Menino da praia africana, estou a querer meter o infinito mar de Fátima na cavidade microscópica do meu tinteiro.

Renuncio.

Ainda o centenário do Liceu

Como a falta de espaço nos não permitiu, até agora, um relato circunstanciado das brilhantes festas comemorativas do 1.º centenário do nosso liceu, damos hoje notícias mais pormenorizadas de cada um dos números do programa. Queremos, assim, deixar registado com o relevo merecido um acontecimento por todos os títulos digno de ser assinalado.

As comemorações tiveram início na manhã de sexta-feira, com a concentração dos antigos alunos, no Largo da Estação. Viam-se aqui representantes de todas as gerações, e das mais diversas profissões — professores universitários, liceais e primários, médicos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, oficiais das Marinhas de Guerra e Mercante, do Exército e da Aviação, funcionários, industriais e comerciantes. Depois, organizou-se um extenso cortejo, que abriu com a deputação da Companhia de Salvação Pública de Guilherme Gomes Fernandes, seguida da Banda Amizade. Logo atrás formavam, com os seus estandartes, o Grémio do Comércio, as associações locais de recreio e desporto, Recreio Artístico, Clube dos Galitos e Sport Clube Beira Mar; os sindicatos e a Mocidade Portuguesa, Masculina e Feminina, a Câmara Municipal, também com o seu estandarte, e as autoridades civis e militares, entre elas o chefe do distrito, sr. Coronel Dias Leite, antigo aluno do Liceu de Aveiro, os actuais alunos com a bandeira e, finalmente, a antiga academia, com o velho estandarte empunhado pelo «estudante» sr. João de Morais Sarmiento, escrivão de Direito.

O cortejo desfilou pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho entre alas de público, até ao Liceu, ao som dos hinos Académico e da cidade e dos vivas dos componentes do cortejo ou do público que os aclamava.

Da varanda central, o sr. dr. José Pereira Tavares deu as boas vindas aos visitantes, reunidos em frente do edifício, saudando-os com sentidas palavras de carinho e saudade e pondo em relevo esta magnífica jornada de confraternização. As demonstrações de entusiasmo atingiram neste momento o auge e os antigos alunos — muitos deles visivelmente sensibilizados — entraram de novo no velho edifício a apresentar cumprimentos ao prestigioso reitor.

Feita a visita às diversas dependências, seguiu-se a recepção no salão nobre da Câmara Municipal. Com enorme assistência, o presidente do Município, sr. dr. Alvaro Sampaio, antigo professor do Liceu, apresentou cumprimentos aos visitantes, em nome da cidade e em seu próprio, agradecendo o sr. dr. António Cristo.

Os sinos da torre do edifício dos Paços do Concelho, que estavam embandeirados como no dia de maior soleni-

dade, repicaram festivamente e a banda de música executou de novo os hinos Académico e da cidade.

Na igreja da Misericórdia, que estava repleta, o antigo aluno rev. Manuel Rodrigues de Almeida, arcepreste de Anadia, ajudado pelos também antigos estudantes do Liceu, srs. dr. António Cristo e José Miller Simões, celebrou Missa por alma dos alunos e professores falecidos.

A sessão solene

Pelas 15 horas, realizou-se, na sala da biblioteca, uma sessão solene para inauguração de retratos de reitores. Presidiu o sr. governador civil, Coronel António Dias Leite. Ao lado do chefe do distrito tomaram lugar os srs. reitor do Liceu; presidente da Câmara Municipal; vigário geral da diocese monsenhor Raúl Mira; antigo professor e aluno Francisco da Silva Rocha; representante do prelado da diocese, rev. Manuel Caetano Fidalgo; e representante do comando militar, major João Barrosa.

Em primeiro lugar usou da palavra o sr. dr. José Tavares, que apresentou os oradores desta sessão e fez uma resenha da história do Liceu, referindo-se à personalidade e acção de cada um dos reitores cujos retratos iam ser inaugurados. Seguidamente foram descerrados por pessoas das respectivas famílias as fotografias do dr. João de Moura Coutinho de Almeida de Eça (1.º reitor), dr. Francisco José de Oliveira Queirós (2.º), dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo (3.º), dr. Clemente Pereira Gomes de Carvalho (4.º), cónego José Cândido de Oliveira Vidal (5.º), comandante Francisco Augusto da Fonseca Regala, oficial de Marinha (6.º), e dr. Euclides Simões de Araújo (10.º). Os retratos dos restantes reitores, dr. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida de Eça, dr. João Joaquim Pires e dr. José Pereira Tavares, figuravam já no edifício do Liceu.

Recebido com uma vibrante salva de palmas, falou o sr. dr. Alberto Souto, que, em demonstração dos seus invulgares recursos oratórios, produziu uma brilhantíssima evocação da actividade do Liceu, salientando num «desfile» repleto de coloridas imagens do mais puro regionalismo e entusiasmo patriótico, as muitas manifestações cívicas em que a academia do Liceu teve a iniciativa de tomar parte.

Também acolhido com calorosos aplausos, usou da palavra o ilustre prof. sr. dr. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto, que se referiu em especial aos métodos de ensino que o Liceu de Aveiro, através do seu corpo docente, soube aplicar à educação ministrada aos alunos e, sobretudo, à evolução que o ensino ali tomou há cerca de uns trinta anos, quando da entrada de novos professores. Evocou com sauda-

de factos passados no seu tempo de estudante liceal.

Como o orador que o antecedeu, o sr. dr. Fernando Magano foi ouvido com o maior interesse.

Encerrou a sessão o sr. governador civil, que teve palavras de merecido louvor para a obra do primeiro estabelecimento de ensino do seu distrito, colocando em justo destaque a acção do seu actual reitor como cidadão e como professor.

Pelas 17 horas efectuou-se, com a comparência de algumas centenas de antigos alunos, no número dos quais se viam muitas senhoras, uma romagem ao jazigo do tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães, no Cemitério Central. Junto do sarcófago, onde repousam os restos mortais do ilustre aveirense, foram depositos vistosos ramos de flores naturais. Os antigos estudantes apresentaram cumprimentos às netas de José Estêvão, as r.ªs D. Joana Inês, D. Maria da Conceição e D. Maria José Lemos de Magalhães Mota.

Foram ainda depositadas flores no jazigo das duas primeiras alunas do Liceu, que concluíram o 5.º ano no ano lectivo de 1907-1908, sr.ªs D. Maria Clementina e D. Maria das Dores Monteiro Rebocho.

O sarau

A' noite realizou-se, no Teatro Aveirense, um interessante sarau vocativo, com a lotação esgorda. O espectáculo começou com a apresentação da tuna constituída por vinte e oito antigos alunos, dirigida pelo sr. Diniz Gomes, e que executou, com pleno agrado, os hinos Académico, da cidade e Nacional e uma peça propositadamente escrita pelo antigo aluno sr. Orlando Peixinho.

Recordando a vida académica, proferam orações os srs. Diniz Gomes, D. Maria Filomena Marques da Cruz e dr. Francisco Assis Ferreira da Maia.

Uma calosa saudação do sr. dr. Assis Ferreira ao prof. dr. Egas Moz, que assistia ao sarau, demotivo a que a assistência, cépe, dispensasse uma prolongada e vibrante salva de palmas ao eminente cientista, quagradeceu, comovidamente seu camarote.

Sempre em extraordinária animação iniciou-se a segunda parte do sarau, que constou da apresentação da revista-fantasia em um acto, da autoria do sr. dr. José Pereira Tavares «Romagem ao Passado», na qual intervieram os antigos alunos Francisco Simões Cruz Frade, Carlos Martins (estante), António de Carvalhoimão (estudante), cor. João Pereira Tavares (estudante 1), dr. Francisco Ferreira Ves (idem), dr. José Vieira Amelas (idem), José Pereira Grijó (idem), Luís Firminégala de Vilhena (idem), o António de Morais Sarmiento (sombra), Rodolfo de Aquerque (Ani-

bal), dr. Francisco da Silva Mendes (cabo da Polícia), dr. Vaz Craveiro (Zacarias), dr. Manuel Bernardo Balseiro (romeiro) e os seus companheiros.

Um grupo de actuais alunas e alunos fez-se ouvir na «Canção dos Pescadores», do saudoso professor rev. António Estêvão, acompanhado com uma orquestra formada por antigos alunos. O sr. dr. Orlando Gomes da Costa e D. Maria Fernandes P. da Silva Castro interpretaram, respectivamente, os papéis de Vaqueiro e Maria Parda, de autos vicentinos.

Ainda por um conjunto de actuais alunos foi cantado o coro final da revista «Pangloss em Aveiro», levado à cena em 1924. O sr. António José Osório Flamengo esteve em evidência no papel de «Pangloss» e em diversos recitativos, e os srs. dr. Luís Regala e dr. Vaz Craveiro disseram poesias da sua autoria. Depois, foi representada a peça em um acto, do professor do Liceu sr. dr. José Augusto Teixeira, «Após a Ceia dos Professores», que teve como intérpretes os antigos alunos José Duarte Simão, Eduardo Cerqueira e eng. António Gaioso Henriques.

A assistência distinguiu com justos aplausos os intérpretes e o seu autor, que teve chamada especial.

Para finalizar este memorável espectáculo houve diversos números de variedades e guitarradas pelo antigo aluno sr. dr. Miguel Peres de Vasconcelos. O sarau terminou em verdadeira apoteose e em ambiente da maior alegria e entusiasmo.

Com os componentes dos antigos grupos cénicos do Liceu reunidos no palco, um «grande orfeão», improvisado, cantou o hino Académico e a «Portuguesa», esta em conjunto com a assistência.

*

Em prosseguimento das comemorações, que ultrapassaram em êxito quanto estava previsto, abriu no sábado, de manhã, a exposição bibliográfica, na qual se viam inúmeras obras publicadas de antigos alunos, fotografias, jornais académicos, caricaturas, quadros, desenhos, programas de récitas, etc.

Estavam expostas obras do dr. Jaime de Magalhães Lima, comandante Rocha e Cunha, dr. José Pereira Tavares, Homem Cristo, prof. dr. Barbosa de Magalhães, dr. Carneiro Pacheco, dr. André dos Reis, prof. dr. Fernando Magano, António Cértima, dr. Alberto Souto, Eduardo Cerqueira, prof. dr. Manuel dos Reis, Marques Gomes, Firmino de Vilhena, Rocha Madail, Celestino Gomes, dr. Joaquim de Melo Freitas, dr. António Cristo, dr. Frederico de Moura, etc.

A's 11 horas, os antigos professores Francisco Augusto da Silva Rocha, José Zamith, Alvaro Sampaio, Ferreira Neves e Assis Maia, deram aulas simbólicas em diversas salas do velho edifício

do liceu a antigos alunos seus. Todos os professores produziram interessantes orações, que deram motivo para lembrar episódios passados entre mestres e alunos. Alguns destes últimos, chamados à lição, prestaram respeitosa homenagem às qualidades de ordem moral e pedagógica dos seus antigos professores.

A meio da tarde centenas de antigos alunos visitaram, na Quinta das Agradas, que está a ser profundamente transformada com os trabalhos de urbanização em curso, o novo edifício do liceu, cuja construção está muito adiantada.

Banquete de confraternização e homenagem ao reitor

A' noite, no vasto salão de festas da «Acção Cultural» das Fábricas Aleluia, realizou-se um banquete de confraternização com cerca de 430 convivas, que decorreu num ambiente de verdadeira solidariedade académica — animadíssimo. O advogado sr. dr. Arlindo Vicente, em nome de todos os convivas, enalteceu a personalidade do actual reitor, sr. dr. José Pereira Tavares, e destacou o significado das festas comemorativas.

Como recordação das comemorações e por iniciativa dos srs. dr. Francisco Romão Machado, dr. Jaime Luís Neves, Eduardo Cerqueira, António José Flamengo e dr. Francisco do Vale Guimarães, foi aberta uma subscrição entre os antigos alunos para a compra de uma artística e valiosa salva de prata, que o sr. dr. Arlindo Vicente entregou, no meio das aclamações de todos os assistentes e após o banquete, ao reitor, sr. dr. José Tavares.

O secretário e professor do Liceu, sr. dr. Assis Maia, leu numerosos telegramas de antigos alunos do Liceu, associando-se às festas.

Aos brindes falaram ainda o sr. dr. Alberto Vidal, e outros oradores.

Depois do banquete, diversos grupos de antigos estudantes deram largas à sua alegria, animando as ruas da cidade com as suas canções e guitarradas.

Ecos do centenário

Deve ser publicado ainda no corrente mês o livro comemorativo do 1.º centenário do Liceu de Aveiro, organizado pelo ilustre reitor daquele estabelecimento de ensino, sr. dr. José Pereira Tavares.

O volume deverá inserir uma resenha histórica do Liceu, o relato circunstanciado das festas há pouco brilhantemente realizadas, muitas fotografias e os principais discursos proferidos durante as comemorações.

A Casa Souto Ratola tem à venda artísticos azulejos comemorativos do centenário do Liceu, que foram feitos nas Fábricas Aleluia.

VINTE E CINCO ANOS

Considerações a propósito de uma data

pelo DR. A. FERNANDO MARQUES

CELEBRAM-SE neste momento na Murtosa, com grande brilhantismo e justificado júbilo, as bodas de prata do mais novo concelho do distrito. O facto, que para muitos pode não ter outro significado além do seu aspecto meramente festivo e convencional, representa quanto a nós o fecho de uma época e marca o início de um novo ciclo na vida murtoseira.

Obra de meia dúzia de esforçadas e esclarecidas vontades, o movimento separatista, iniciado nos fins do século passado dentro do natural entusiasmo da população, fez-se sobretudo para criar às terras ribeirinhas da Murtosa e do Bunheiro, estuantes de seiva, as condições de desenvolvimento que Estarreja não soube ou nunca pôde proporcionar-lhes.

Este período, que traduz o despertar da consciência murtoseira, termina em 1926 com a alforria concedida à Murtosa em 29 de Outubro do mesmo ano pelo Governo da Ditadura Nacional.

Obtida assim a pedra angular do seu progresso, o jovem concelho, a despeito dos minguados recursos do seu Município, entra rapidamente numa fase de grande desenvolvimento e a breve trecho muitas das aspirações da população transformam-se em consoladoras realidades.

A verdade manda portanto que se diga que a Murtosa só lucrou com a sua autonomia administrativa, mas, exactamente porque estamos chegados ao fim daquele período inicial, importa, na altura em que o concelho atinge a maioridade, fazer o balanço do caminho percorrido nestes 25 anos, rever talvez alguns princípios e meditar um pouco sobre verdades que, apesar de comecinhas, andam por vezes esquecidas dos murtoseiros. Todavia, ao analisar rapidamente a vida do concelho no seu primeiro quartel, devemos afirmar que não nos move o desejo da crítica fácil, feita sem a indispensável isenção nem qualquer espírito construtivo, no pleno convencimento de que os problemas não se resolvem com críticas gratuitas mas antes com a colaboração interessada de todos aqueles que têm efectivamente amor à terra que lhes serviu de berço.

Com efeito, tenho para mim que todos os que servem a colectividade, que sacrificam ao bem comum os seus interesses, as suas comodidades e muitas vezes a sua saúde, são credores em alto grau da nossa consideração, do nosso reconhecimento e da nossa estima.

Mas revertendo ao assunto, depois deste indispensável parentesis, pode afirmar-se que é inteiramente louvável muito do que ultimamente se tem

feito na Murtosa em matéria de fomento. E bem avisada andou a Câmara em começar pelo princípio, dando-se à tarefa de pôr a casa em ordem, sanear finanças, instalar serviços, reparar estradas, construir arruamentos, electrificar a maior parte do concelho e edificar escolas, pois sem a resolução destes problemas fundamentais não seria possível encarar com certo à-vontade os futuros planos de urbanização e expansão do concelho.

No entanto, embora se reconheça que a Administração, com as limitadas possibilidades financeiras do seu orçamento, não possa operar milagres nem acudir ao mesmo tempo a toda a parte, há um problema que se nos afigura

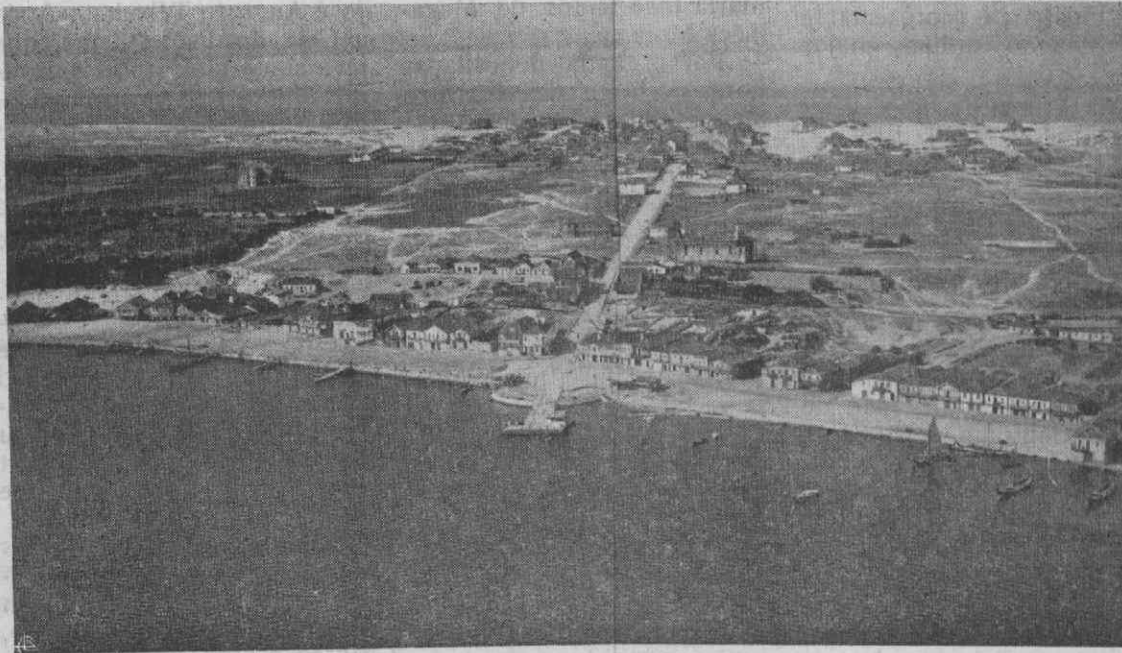
nos quando não se tem a responsabilidade de os executar, mas é evidente que, ao chamar a atenção da Câmara para o problema da Torreira, não se exige a elaboração de um vultoso plano de actividade que por irrealizável estaria antecipadamente condenado ao insucesso; pelo contrário, pretende-se apenas um modesto plano de trabalhos, inteiramente condicionado às possibilidades do município e às características da praia.

Como já se reconheceu atrás, a Murtosa, para levar a cabo a sua política de renovação, tem de contar sobretudo consigo própria, com os seus recursos naturais, que representam de facto um valioso elemento de valorização do concelho, com a dedicada colabo-

concessionários de serviços públicos e os que exploram pensões, restaurantes, cafés, casas de espectáculos ou quaisquer outros centros de diversões, afinal os directos interessados no seu progresso — persistir num negativismo impróprio da época?

Evidentemente, de bem pouco servirá possuir uma paisagem de surpreendente maravilha, uma ria admirável que é uma verdadeira e permanente sinfonia de luz e de cor, se não existir um mínimo de condições de bem-estar que prenda o visitante.

Quem vai à Torreira, e portanto à Murtosa, em peregrinação interessada ou em busca de repouso para o corpo e para o espírito ou de remédio para os seus males, admira



A Torreira, praia encantadora da Murtosa, que legitimamente aspira a melhoramentos que a imponham como umas das mais famosas de Portugal

básico, para o qual nunca se atendeu devidamente, e que reveste o maior interesse para a Murtosa. Refiro-me à Torreira, que, apesar de ser, relativamente, a maior contribuinte do concelho, tem estado quase completamente votada ao abandono.

Bem sabemos que o problema da Torreira, encarado em toda a sua extensão, é um problema cuja solução ultrapassa de longe a capacidade financeira do Município, tanto mais que a Murtosa, sem horizontes industriais, vivendo apenas do amanhã da terra e da exploração da ria (a emigração é aqui um caso à parte) não poderá concorrer a um curto prazo para um sensível aumento de receitas da Câmara.

Não obstante, o Município tem de olhar urgentemente à Torreira, verdadeira sala de visitas da Murtosa, e pensar seriamente na valorização da excelente matéria-prima que a Natureza generosamente lhe entregou.

Não nos custa reconhecer que é sempre fácil traçar pla-

ração dos seus fins e, subsidiariamente, com auxílio financeiro que o Estado porventura lhe possa dispensar.

O problema apresenta-se portanto não só em o aspecto material mas também moral; quer dizer, no fundo um problema de opinião pública, que exige — algumas vezes o temos afirmado — o esforço colectivo dos murtoseiros.

Na realidade, qualquer obra de engrandecimento de uma terra tem de ser necessariamente uma obra conjunta e não apenas de um ou dois sacrificados sobre os ombros dos quais recai toda a responsabilidade do desenvolvimento do concelho. É certa medida, uma terra quilo que quer ser a sua polação.

Efectivamente, não pode um concelho devolver-se se a maior parte dos seus habitantes constituído pelo seu espírito de rotina na anteface do progresso? Como pode essa terra prosar se a maioria dos seus, especialmente os caplistas, os comerciantes e iniciais, os

certamente o panorama mas não se contenta apenas com todo esse estranho amplexo da água e da terra, que constitui na realidade uma das mais impressionantes paisagens da terra portuguesa.

Vai na verdade por isso, mas deseja mais. Exige eficientes meios de transporte, fáceis vias de comunicação, asseadas acomodações, um centro de diversões, possibilidade de ter à mão medicamentos de urgência e socorros clínicos, enfim as comodidades que encontra hoje em qualquer aldeia sertaneja.

A Torreira praticamente não tem nada. Mais, o aspecto confrangedor da beira-ria e da beira-mar, com seus parquinhos desmantelados, ruas mal delineadas e cobertas de lixo, detritos de toda a espécie espalhados por toda a parte, garotos pedinches, não constitui certamente um recomendável pano-de-boca do admirável cenário da ria. Actualmente não é mais que uma praia em regressão, que vê desaparecer, de ano para ano, a sua frequência.

Antes de propugnar com os vizinhos concelhos de Aveiro — por direito próprio o centro de turismo de toda esta vasta zona da Marinha — Ilhavo, Ovar, Estarreja e Albergaria, pela criação da projectada zona de turismo da ria, a Murtosa tem de acudir à gata-borrallheira do concelho.

E' o momento de passar das palavras à acção. Não se profete um problema que deve ser inadiável, nem se diga que a escassez de recursos do erário municipal não permite arcar com obras que praticamente não custam um centavo.

Salvo melhor opinião, a resolução do problema tem de início de cingir-se à satisfação destas urgentes necessidades, que podem perfeitamente realizar-se com a «prata da casa».

O resto, nomeadamente o auxílio técnico e financeiro do Estado, virá depois, quando a Torreira tenha adquirido muito da sua antiga grandeza e mostre tendência para retomar a posição de centro de viliatura preferido pelas populações de toda a vasta região que se estende do Vouga pelo Caima até ao limite norte de Estarreja. A Torreira passará então a ter um interesse regional e não deixará certamente de interessar ainda mais os poderes públicos na obra de valorização da ria.

De resto, um dos melhoramentos de carácter vital para a Torreira, a estrada S. Jacinto-Furadouro, ligará brevemente a Torreira à primeira daquelas localidades e, tudo o leva a crer, prosseguirá para o norte.

Supomos que também a questão da luz eléctrica, da ponte sobre o estreito da Varela e da extensão da rede telefónica à Torreira, serão em tempo não muito distante uma consoladora realidade.

O desenvolvimento da Torreira só trará benefícios, especialmente para as actividades comerciais e industriais, que estamos certos não deixarão de corresponder, por isso e também pelo vivo sentimento bairrista que existe no coração de todos os murtoseiros, ao apelo que lhes é dirigido.

Estamos convencidos igualmente de que muitos dos proprietários da beira-ria não deixarão de participar nas obras de pavimentação e saneamento da esplanada; o mesmo direi dos da beira-mar a respeito da fixação das dunas que ameaçam sepultar o que resta da Torreira.

Oxalá que a Câmara e os seus órgãos atendam este pedido, que representa de facto uma aspiração geral, e encarem imediatamente a resolução do problema da Torreira.

Se o fizerem, como calculamos, teremos razões para supor que o concelho da Murtosa inicia efectivamente uma nova época: a do seu engrandecimento.

O decreto de emancipação do concelho da Murtosa

Foi do teor seguinte o decreto que criou o concelho da Murtosa, publicado no *Diário do Governo* de 30 de Outubro de 1926—1.ª série—sob o n.º 12.569:

«Considerando que o desenvolvimento do País, base fundamental da sua melhoria financeira, é a resultante da sua actividade agrícola, industrial e comercial dos vários agregados da sua população, cujo progresso, por isso mesmo, ao Governo cumpre fomentar por todos os meios ao seu alcance; Considerando que a organização administrativa de cada centro de população tem uma influência importante na sua actividade, devendo estar de harmonia com a categoria eco-

com ela forma um todo homogéneo;

Considerando, além disso, que a desanexação das freguesias da Murtosa e do Bunheiro nenhum prejuizo causa ao concelho de Estarreja, que também constitui de per si um núcleo forte de trabalho;

Em nome da Nação, o Governo da República Portuguesa decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—As freguesias da Murtosa e do Bunheiro, do distrito de Aveiro, são desanexas do concelho de Estarreja e passam a constituir um concelho de 3.ª ordem, com sede na primeira, que é elevada à categoria de vila.

Artigo 2.º—A área do concelho da Murtosa é a mesma das duas freguesias que a constituem.

Artigo 3.º—Fica revogada, quanto ao concelho da Murtosa, a legislação em contrário, relativa à criação de novos concelhos.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nele se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da República, em 29 de Outubro de 1926. — António Oscar de Fragoso Carmona — Manuel Rodrigues Júnior — João José Sinel de Cordes — Jaime Afreixo — António Maria de Bettencourt Rodrigues — Abílio Augusto Valdês de Passos e Sousa — João Belo — Artur Ricardo Jorge — Felisberto Alves Pedrosa.»



Almirante Jaime Afreixo

Ministro da Marinha e interino do Interior, a quem se ficou devendo a criação do concelho da Murtosa

nómica e social, sob pena de graves prejuizos para a vida local;

Considerando que a freguesia da Murtosa, do concelho de Estarreja, pelo valor da pesca no rio e no mar e da apanha de algas, indispensáveis à lavoura farta que possui, e pelo aumento constante e extraordinário da sua população, que sustenta uma vida de saliente actividade nas indústrias marítimas, na agricultura e na construção civil, constitui hoje um dos centros mais prósperos do distrito de Aveiro;

Considerando que o desenvolvimento económico e social da Murtosa está sendo prejudicado pela sua inferior categoria administrativa que lhe não permite a criação de estabelecimentos de crédito indispensáveis ao seu movimento industrial e agrícola;

Considerando que só pela independência municipal a freguesia da Murtosa se colocará em condições de, usufruindo as correspondentes regalias administrativas, efectivar a resolução de necessidades urgentes e cada vez maiores, quer de expansão industrial, quer de progresso social;

Considerando que a freguesia do Bunheiro, do mesmo concelho de Estarreja, irmã gémea da Murtosa, com afinidades económicas, com identidade de características geográficas e étnicas, com uma grande facilidade de intercomunicação e com analogia de interesses,

As festas e as suas comissões

Pelo que até nós tem chegado, sabemos que as festas comemorativas da emancipação do concelho da Murtosa, realizadas agora ao cabo dos primeiros vinte e cinco anos de vida livre e mais ou menos próspera, vão revestir-se de grande brilhantismo. Mais nos importa, porém, pôr em justo realce o seu alto significado: testemunho de gratidão para todos aqueles que dedicadamente trabalharam pelo triunfo da causa do nosso concelho; consagração dos esforços dispendidos, neste quarto de século, em prol da terra comum; e, por fim, apelo fervoroso a novos servidores para que a Murtosa consiga ver tornadas em esplendorosa realidade as suas legítimas aspirações.

Acederam gentilmente ao convite que lhes foi dirigido para assistirem às festas três distintas individualidades que o povo da Murtosa, sempre hospitaleiro, vai receber e acarinhar com requintes de fidalga gentileza: Suas Excelências os Senhores Professor Dr. António Manuel Pinto Barbosa, ilustre Subsecretário de Estado do Tesouro; D. João Evangelista de Lima Vidal, venerando Arcebispo-Bispo de Aveiro; e Coronel António Dias Leite, Governador Civil do distrito.

Sabemos também que as diversas comissões constituídas para a realização das festas se tem empenhado em dar-lhes o maior luzimento. Entendemos, por isso, dever aqui deixar os seus nomes, com o nosso louvor: muito aplauso.

Comissão de Honra

Dr. Apolinário da Silva Portugal, Presidente da Câmara.

(Continua na pág. 10)

Programa das festas

8 horas — Salva de 21 tiros. Chegada de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro. Missa, Te-Deum e sermão, na igreja matriz da Murtosa, seguindo-se uma romagem ao cemitério. Na igreja será orador o rev. Cônego Manuel Nédio de Sousa. No cemitério fará uma alocução o rev. Padre Manuel José Amador Fidalgo.

12 horas — Bodo, a 80 pobres do concelho, no Hospital. Recepção, nos Paços do Concelho, aos convidados, usando da palavra os srs. Dr. Carlos Barbosa e Presidente da Câmara Municipal. Os srs. Subsecretário de Estado do Tesouro e Governador Civil de Aveiro serão recebidos no limite do concelho, pelo lado do Monte, seguindo, em cortejo automóvel, para o edifício da Câmara Municipal.

13 horas — Banquete de confraternização, no salão do Sport Marítimo Murtoense.

16 horas — Inauguração do

monumento ao Almirante Jaime Afreixo e descerramento das placas das novas ruas, usando da palavra os srs. Presidente da Câmara e Dr. Manuel da Silva Fidalgo.

18 horas — Missão solene, no Teatro Club de Pardelhas, com uma conferência pelo Ex.º Sr. Manuel José Lopes Pereira, subordinada ao tema: *Murtosa, Terra Nossa - Ensaio geohistórico da sua origem, paisagem e consuetudina do seu povo.*

21 horas — Concerto pela Banda da Polícia de Segurança Pública de Cimbra, na Praça do Almirante Jaime Afreixo, terminando com uma sessão de fogo de artifício de Viana do Castelo.

Os sinos de todas as igrejas do concelho repararão festivamente.

Na inauguração do monumento ao Almirante Jaime Afreixo será executado o *Hino da Murtosa*, da autoria do sr. Prof. Alípio Portugal.

NO REGOZIO DA MINHA TERRA

(Continuação da 1.ª pág.)

sando bem, riquezas de excepção. Até o arado, por exemplo, a correr sobre a leiva dos nossos campos, não corre sem a fecundidade das algas marinhas.

Mas como estamos longe, quase infinitamente longe, de tirar proveito desta fonte inexgotável do nosso progresso!...

Dizem-me que na Murtosa há falta de homens. Concordo e discordo. E se discordo, é porque deve sempre condenar-se a vil tristeza daqueles que preguiçosamente gostam de viver à sombra de dois ou três, — os torturados de todas as horas, os incompreendidos da multidão, os servidores generosos do bem comum.

E' tarefa bem difícil construir. E mais difícil se torna ainda a tarefa quando a construção tem de levantar-se na praça pública, diante da plateia ruidosa dos ineptos e incapazes, sempre prontos, porém, para o trabalho nefando de des-cobrir ruínas ou levantar barreiras aos braços esforçados de quem vai, só por amor, na vanguarda dos interesses regionais e colectivos.

Será tudo uma questão de palavras. Manda a verdade, porém, que se diga haver ali não falta de homens mas falta de boas vontades, postas generosamente ao serviço da terra que a todos serviu de berço.

Eu discordo. E continuo na quase teimosia da discordância, enquanto me não provarem que a Murtosa se tornou campo seco, onde já não brilha a luz de nenhuma inteligência nem se dá conta do calor de nenhum coração.

Vinte e cinco anos!

Os olhos se alongam na recordação do passado. E sem quererem deixar aqui alguma linha de história, que a não saberiam fazer, os olhos sentem a nostalgia outonal de tantas folhas caídas e secas, ao longo do caminho que já percorremos na liberdade conseguida.

Iniciativas que se perderam, projectos que ficaram por concretizar, sonhos de que facilmente nos desprendemos, realidades mortas, — não será esta também uma triste verdade dos primeiros vinte e cinco anos?!

Religiosamente, a Murtosa é terra sadia. O povo traz na alma, ainda, a doçura de velhos costumes patriarcais e no peito o calor da fé que pelos seus maiores lhe foi legada, geração em geração.

O triunfo, porém, não pertence apenas aos servidores do ideal cristão que se têm conservado à frente deste apostolado das almas. Assim, maior seria o mérito.

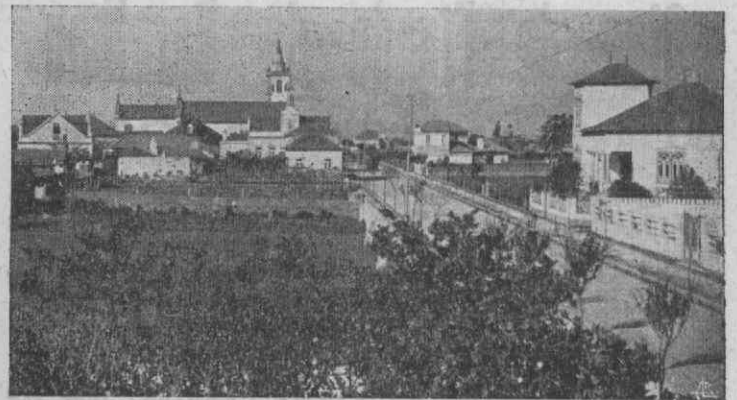
Mas há que ter em conta a constante geográfica do concelho, — barreira poderosa contra a onda desmoralizadora que se estende dos grandes centros aos pequenos núcleos populacionais.

Importa, todavia, não adormecer à sombra dos louros de lindas vitórias. Ou antes: tornar a tradição força de convicção, esplendor de vida alta, glória de cristianismo profundo.

Eis quanto, amigos e conterrâneos, me subiu à flor da alma e dela passou ao correr da pena.

E a palavra descolorida que aí fica ainda não vale tanto como o abraço sentido que vos dou, nesta festa do nosso regozijo comum.

M. Caetano Fidalgo



Avenida e Igreja de Santo António do Monte

AS NOVAS RUAS DA MURTOSA

NÃO são propriamente ruas novas que se abrem; é um nome que a algumas se vincula para o tempo, como evocação de quem por elas tantas vezes passou ou símbolo de esforços generosamente postos ao serviço da Murtosa.

O que vai fazer-se na próxima segunda-feira, dentro do programa oficial dos festejos,

dando a doze artérias da vila o nome de murtoseiros illustres, alguns dos quais já vivem apenas na profunda saudade de nós todos, — é um acto sentido de gratidão.

Sem dúvida que outros nomes igualmente mereciam este gesto de louvor e reconhecimento. E' certo, porém, que a História se não escreve

(Conclue na 10.ª página)

Frazão & Oliveira, L.^{DA}

AVENIDA CENTRAL, 232-B — TELEFONE 484 — AVEIRO

Automóveis, Motos, Bicicletas motorizadas
Máquinas de Costura Frigoríficos Jawa, Fravy, Husqvarna, Kelvinator

DODGE

KING'SWAY

1951

Em exposição no Stand dos Concessionários

Auto-Comercial de Aveiro, L.da

Serviço :

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO, 44

EXPOSIÇÃO :

RUA DE VIANA DO CASTELO, 17

AVEIRO — Telef. 561 - 150



Raquitismo: incompleto desenvolvimento do organismo.

Raquitismo: deformação óssea e nutrição insuficiente.

Raquitismo: definhamento da criança.

Raquitismo: enfraquecimento das faculdades intelectuais e do senso moral.

O Raquitismo combate-se com

Oleo de Fígado de Bacalhau

DO ARRASTÃO «SANTA JOANA»

Este ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU é um produto natural obtido por métodos científicos que lhe asseguram a presença de *vitamina A e D* na mais elevada concentração, tão indispensáveis ao *crescimento e formação do sistema ósseo*.

Depositária exclusiva

Farmácia Morais Calado - AVEIRO - Telef. 149

Agência Funerária Saraiva

—DE—

Joaquim Ferreira Saraiva

Sede: MAMODEIRO - Telef. 31

Filial: Rossio, 37 - AVEIRO

Telef. 583

Chamadas a qualquer hora

Agência Funerária Capela

— DE —

AMÉRICO DIAS CAPELA

**Serviço permanente
Chamadas a todas as horas**

ESGUEIRA

AVEIRO - TELEF. 304

Assinai e propagai o

“Correio do Vouga,”

A ÓPTICA

Vende as melhores lentes

Telefone 274

AVEIRO

Restaurante “O ARCADEA”

No centro da cidade, no café do mesmo nome, nos baixos do

ARCADA HOTEL

Serve refeições e à lista

Aceitam-se comensais e peças módicas
Telefone 421

A ÓPTICA

**Aviamento rápido de
recetas**

Telefone 274

AVEIRO

Última novidade!!!

FORMAS BRASILEIRAS

Assa, grelha, gratina e cose bolos, carne, peixe, em todos os lumes.

Casa das Utilidades

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 241

Arcada Hotel

O único de Aveiro, à beira da Ria, com quartos confortáveis e bom serviço de mesa.

TELEFONE 78

Dr. José Tavares

Médico especializado no Hospital

LAENNEC - PARIS

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta

BRONCOSCOPIA

Esofagoscopia sob ampliação

Extracção de corpos estranhos das vias aéreas e esófago

Rua de Firmeza, 682

Andar principal — Esq. — PORTO

Telef. 23934

MOTO

New-Udson, pintada, reparada de novo e calçada.

Vende-se ou troca-se por bicicleta motorizada em bom estado.

Ver e tratar na Rua de Ilhavo, 23 — Aveiro.

Consultório Médico e Cirúrgico

Dr. Ernesto Barros

Consultas: Aveiro - Largo da Estação, n.º 5-1.º, às terças, quintas e sábados, das 13 às 19 horas.

Em SALGUEIRO e NARIZ, às segundas, quartas e sextas, das 14 às 17 horas

Telef. 167 — AVEIRO

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA: Avenida Navarro, 6.º — Tel. 4445

EM AVEIRO: Consultas todos os sábados às 13 h.

Rua Conselheiro Lu de Magalhães, 43

QUANDO

o seu relógio avariar não o inutilize confiando-o a artistas inoscientes.

A **Ourivesaria Vieira, L.da**, de Aveiro, tem nas suas oficinas lojoeiros competentes que garantem em relógios e qualquer marca e espécie, um conserto rigoroso e gantido e que não custa mais que em qualquer outra parte.

A gerência desta casa esforça-se por que todo o cliente fique muito satisfeito.

Motom

Bicicleta motorizada tipo Moto

48 c. c. — 4 tampaç — Válvulas à cabeça

3 Velocidades — Instalações eléctrica 6 V. 15 wts

A mais perfeito e inconfundível técnica italiana

Aceitam-se inscrições para a próxima remessa

TRINDADE, FILHOS

Telefone P. P. C. n.º 59 e 537

AVEIRO

Anunciai no “Correio do Vouga,”

Confeitaria Estrela

Doçaria - Pastelaria - Conservas - Fiambres
Queijos - Vinhos - Espumantes

Sortidos finos para chá. Serviços para casamentos, baptizados, copos de água
e PORTOS DE HONRA

Especialidades Regionais

Preferida pela superior qualidade dos seus artigos

Rua da Costeira, 14 a 16 — Telefone 211

A V E I R O

Relógios, Ouro, Jóias, Pratas

Para bons e garanti-
dos consertos procu-
rem V. Ex.as

Ourivesaria Carvalho

Como **NOVA CASA** que é, tem mais cuidado,
e é seu o interesse em bem servir qualquer cliente

O mínimo conserto, tem toda a atenção na sua execução

CARVALHO garante o seu relógio mais bem regulado
CARVALHO prepara o seu objecto de ouro com perfeição
CARVALHO transforma as suas jóias com arte
CARVALHO dá às suas pratas o tom indicado

Com a certeza de ser mais **BEM SERVIDO**,
confie, portanto, tudo a

OURIVESARIA CARVALHO

A maior e mais moderna de Aveiro

56 — Av. Dr. Lourenço Peixinho — Telefone 557

Carvalho é uma **Ourivesaria** para todos, de supe-
rior e variado sortido, de **Montras sempre mo-
delo**, e de **preços muito modestos**.

Nas mais graves
doenças de pele

use só

S a m e t i l

à venda em todas as Farmácias
Depositário em Aveiro: **Morais Calado**

Armações - Lentes - Oculos de Sol

Aviamento de receitas médicas

A ÓPTICA

Rua de José Estêvão, 23

AVEIRO

Telefone 274

Regimento de Infantaria N.º 10 ANUNCIO

O Conselho Administra-
tivo deste Regimento, faz pú-
blico que no dia 7 do pró-
ximo mês de Novembro,
pelas quinze horas, na
sala das sessões do mesmo
Conselho Administrativo se
procederá à arrematação em
hasta pública dos estrumes
a produzir pelos solípedes
deste Regimento e adidos,
durante o ano de 1952.

As propostas, feitas em
papel selado da taxa em vigor,
e segundo o modelo do ca-
derno de encargos, serão en-
tregues na Secretaria do referi-
do Conselho Administrativo,
em carta fechada e lacra-
da na ocasião da abertura da
praça, acompanhadas da quan-
tia de 100\$00 (cem escudos),
como caução provisória.

O caderno de encargos está
patente todos os dias úteis
das 14 às 17 horas, na citada
Secretaria onde se prestam to-
dos os esclarecimentos.

Quartel em Aveiro, 17 de
Outubro de 1951.
O Chefe da Contabilidade,
Júlio Simões de Sousa da Silva
Alferes do S. A. M.

DESSPORTOS

Continuação da 3.ª página

continuar desinteressado da
modalidade, quando não lhe
seria difícil regressar. Se não
é incuria, é falta de visão dos
dirigentes do Club, que ape-
nas pensam no futebol.

HOQUEI EM PATINS —
Com duas vitórias, por 8-1
sobre o Curia e Sporting de
Braga, a Sanjoaneuse vê au-
mentada a sua aspiração de
participar no Campeonato Na-
cional pela primeira vez, su-
cedendo à Académica de Es-
pinho.

—Incompreensivelmente, o
Campeonato Regional do
Centro continua por acabar.
Explicações, nenhuma. A As-
sociação faz vida numa "cai-
xinha"...

VOLEIBOL—Mais uma vez
o Sporting de Espinho está a
disputar o Campeonato Na-
cional da I Divisão, ao lado
do Leixões, Instituto Superior
Técnico e Sporting, que con-
clui hoje, em Lisboa.

Inauguração das novas Insta- lações da A. F. Aveiro

Hoje, pelas 22 horas, com
a presença do Presidente da
Direcção da Federação Portu-
guesa de Futebol, capitão
Maia de Loureiro e outros
membros do mesmo organiso-
mo, são inauguradas as novas
instalações da A. F. Aveiro,
magnificamente instaladas num
prédio em frente do Cine-
Teatro Avenida.

Durante a sessão que, para

feito se realiza, serão distri-
buídos os trofeus aos vence-
dores dos torneios da época
finda.

Sanjoanense-Oliveirense

Baseado em erros de arbi-
tragem, entrou na A. F. de
Aveiro um protesto daquele
encontro, apresentado pela
Sanjoanense.

Salomão

Ministério das Obras Públicas

Junta das Construções para o En- sino Técnico e Secundário

Concurso público para arre-
matação da empreitada de
"Construção dos tectos dos
recreios cobertos" do Liceu
de Aveiro.

A's 15 horas do dia 12 de
Novembro de 1951, realiza-se
o acto da abertura de propos-
tas referentes à empreitada
acima designada.

Depósito provisório de
Esc. 1.375\$00, a efectuar na
Caixa Geral de Depósitos,
Crédito e Previdência, suas
filiais ou agências, mediante
guia passada pelo próprio
concorrente ou pela Junta.

O processo está patente na
sede da Junta, Rua Garcia de
Orta, n.º 68-1.º, em Lisboa, e
no escritório da obra de cons-
trução do Liceu de Aveiro.

Lisboa, em 23 de Outubro
de 1951.

ESPECIALIZADOS EM

Estuques e Frentes — Pinturas Lisas e
Decorativas — Fingimentos a Madeira e
Pedra — Pinturas à Pistola

J. M. da Fonseca Calisto & Irmão

MESTRES DE OBRAS

SECÇÃO COMERCIAL

Drogas — Tintas — Ferragens e todos os
materiais para a construção civil
Agentes depositários das tintas
— ROBBIALAC —

Escritório — Armazens e Oficina:
Rua Dr. José Salvador — MURTOSA

FRAPIL

Francisco Piçarra & C.ª, Lda

Telefone 92 — Apartado 20

FÁBRICA

Rua Comandante Rocha e Cunha, 100

STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 69

AVEIRO

Vendas a prestações

Comunicam aos seus estimados clientes e amigos
que a partir de 1 de Novembro p. f., passa a ven-
der, a prestações, candeeiros e toda a aparelhagem
doméstica, no seu estabelecimento, sito na Av. Dr.
Lourenço Peixinho, 69, agradecendo, desde já, a s/
visita.

Aveiro, Outubro de 1951.



O CONCELHO DA MURTOSA EM FESTA

O resurrexit dum povo

por M. J. LOPES PEREIRA

NA marcha dos séculos, há também os imponderáveis da história que provocam muitas vezes a irrupção dos acontecimentos e os disciplinam, tais as luzes dum estrelário que houvesse empalidecido e voltasse a brilhar como se um sopro novo de vida lhe tocasse na chama morrente. São o imperativo do passado, do sangue que se renova com seu picante perfume, dir-se-ia das folhas secas de mirra... Assim deverá ser e tanto amiúde assim sucede.

E' certo que dizem, na te-

prol do berço comum e abastança da terra-mater.

E vamo-nos ao conto que não é romança de ficção:

Os Erizes, por seu patronímico descendentes de Ero, décimo sexto Conde de Sever e chefe de uma estirpe afamada de guerreiros, eram os grã-senhores de fidalguias e benefícios, mandantes das terras dentre Vouga e Douro, que entroncavam o seu nobiliss com fumos heráldicos nas costelas hieráticas do visigodo D. Sueiro Gondosindo que

um outro contido na *Anacrisis Historial* sobre a eleição da sua abadessa, cometendo-a ao bispo do Porto D. Geraldo Domingues (1300-1308).

Fazia parte do seu senhorio o reguengo de Paredelhas com todas as suas terras, cuja área se delimitava em segunda demarcação num tombo com a data de 1564 guardado no *Arquivo do Distrito do Porto*, belo cartulário com iluminuras a cores e oiro, — reguengo este separado da terra-chã de Figueiredo, mas conservando a sua natureza jurídica como terra do rei, cujo domínio e jurisdição este conservou indirectamente, para si, cultivado pelos colonos reguengueiros sob a forma de arrendamentos pagos em prestações de géneros, dinheiro e serviços pessoais, os quais habitavam em casais humildes — *paredeiros, pardeiros, pardeiros* — aliatropos derivados do latino erudito *paries, parietis*, e cujas formas diminutivas deram os nossos topónimos *Paredelhas e Pardião*.

Em 1287 D. Diniz, por sua carta de 7 de Março, ordena que o Juiz da Feira não mande na Terra de Paredelhas. A seguir aquelas freiras estabeleceram aqui um julgado com Juiz, procurador, vereadores e suas inerentes jurisdições sobre os feitos cíveis e crimes — instituição que levantou vários protestos por parte do Juiz de Figueiredo cuja apelação foi atendida por D. Pedro I em 1358, ordenando este rei que a administração da justiça em Paredelhas voltasse ao foro de Figueiredo.

A Murtosa, com a área anexa do Monte, nascida mais tarde nos outeiros de Gozarem, no Chegado, a que qualquer madureza local deu agora o nome de Gafanha-de-Baixo, por sua vez fazia parte do couto de Antuã desde 1257, cujo senhorio cabia às freiras de Arouca, para onde iam as prestações devidas e os foros. Embora divergentes no seu teor administrativo, eram dois núcleos populacionais irmãos, conservando a mesma *facies* e etnia, a mesma irradiação — fundidos num só e com gêmea vida espiritual, regidos por um único pastor sob a égide benfazeja da mesma Casa de Deus.

Em 1899, este povo, num só grito, ergueu o segundo brado da sua autonomia administrativa — brado altíssimo, clamoroso. Mas a luta porfiada e violenta teve de ceder diante da política de corrilho que lhe esmagou impiedosamente os anseios. Em 1914 fez-se nova tentativa que se perdeu em esterilidades. Porém as sementes ficaram no solo amodorradas, os invernos contínuos de opressão não as apodreceram, e em 1926 a seara de trigaes loiros

AS NOVAS RUAS DA MURTOSA

(Continuação da 7.ª página)

toda duma só vez. Aguardamos então que a Murtosa saiba ser grata, mais logo ou amanhã, àqueles dos seus filhos que ajudaram a criar o seu nome e a fazer a sua glória.

As novas ruas

Rua de José Maria Barbosa — da Calçada do Conde a casa do sr. Prof. Bernardo;

Rua de António Vieira Pinto — de casa do sr. Prof. Bernardo à Avenida de Santo António do Monte;

Rua de Manuel José Lopes Pereira — da Rua de António José de Freitas Guimarães à Rua dos Condes;

Rua dos Precursores (1899) — da Praça do Almirante Jaime Aireixo a casa do sr. Dr. Francisco Rendeiro;

Rua do Ruy do Vouga — da casa do sr. Dr. Francisco Rendeiro ao Coval;

Rua do Padre Manuel José Valente — da Praça dos Combatentes da Grande Guerra à Rua de D. João I;

Rua do Dr. Barbosa de Magalhães (Pai) — da Rua do Dr. Carlos Barbosa à Avenida de Sidónio Pais;

Rua de Joaquim Manuel da Silva Gravato — da casa do sr. Manuel Maria Cascais à Ribeira de Paredelhas;

Rua de Luís Carneiro da Silva — da Capela da Caneira à Rua de Santa Mafalda;

Rua de Joaquim António Soares — da Praça dos Combatentes da Grande Guerra à Quinta da Caneira;

Avenida Marginal de Duarte Pacheco — a conhecida Esplanada da Torreira, à Beira-Ria;

Rua da Bêstida — da Rua do Ruy do Vouga à Ria.

A Rua dos Precursores será assinalada por um painel de azulejo, executado nas Fábricas Aleluia e oferta do sr. Dr. Carlos Barbosa.

Em todas as outras novas ruas será afixada uma placa, em pedra Ançã, com as letras gravadas a preto.

As festas e as suas comissões

(Continuação da pag. 7)

Dr. João Carlos Henriques Tavares de Sousa, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

Dr. António Maria Tavares, Presidente da Junta de Turismo.

José Júlio Valente de Almeida, Presidente da Junta de Freguesia da Murtosa.

Padre Manuel José Costeira, Presidente da Junta do Monte.

Frederico Pais da Silva, Presidente da Junta do Bunheiro.

Américo A. Tavares, Presidente da Junta da Torreira.

Padre João Maria Carlos, Arcipreste da Murtosa.

Dr. Carlos Barbosa. Manuel José Lopes Pereira. António Augusto Valente de Almeida.

Júlio Ferreira Baptista.

Comissão Executiva

Dr. João Pedro Dias Vaz, médico.

Padre Alberto Tavares de Sousa, pároco de Paredelhas.

João Carlos Barbosa, funcionário da Câmara Municipal.

António Maria Récio, representante da Imprensa.

Manuel Conde, representante dos Clubes.

Manuel José de Oliveira Ramos, pela Comissão de Turismo.

Izequiel da Silva, representante da Indústria.

José Maria da Fonseca Calisto, representante do Comércio.

João Tavares Pereira, representante da Lavoura.



A pitoresca fonte de S. Gonçalo, no Bunheiro

fulge com as suas papoilas altas, rútilas, sol doirado a doirar tudo — terra e almas — e abre dadivosa suas messes de libertação e glórias à grei murtoseira.

Não andaria na gesta um subconsciente de imponderabilidade histórica, uma atávica e sempre renovada convul-

são dos fundos psíquicos e mandatos ancestrais dum povo, desdobras de forças latentes em cinzas apenas adormecidas, que nunca deixarão morrer a sua tradicional liberdade?

Casa na Feira, Outubro de 1951



Igreja Matriz da Murtosa e Praça dos Combatentes da Grande Guerra

sura de fidalgos a plebeus, serem os murtoseiros gentes tonsas a abarrotar de atrasos, getatura premunisante contra as infiltrações do ar purificador das células da alma, criadora do exímio, do ultra, do superfino. E eu tenho para mim que o que nos salvou e deu forma à nossa individualidade tão característica foi precisamente essa crosta oleosa que veio preservar das maldades do tempo, das suas ociosidades e torpidezas, das suas infâmias e crimes, mantendo em nós aquele misterioso condão ráxico de sério aventureirismo, herdado em muito dos avós fenícios que por aqui andaram nos barcos moliceiros ou ainda nas pirogas primitivas à cata do estanho como hoje em dia os candongueiros ao rebusco pragueado do volfrâmio — como querem as crónicas dos nossos desenhistas.

Pois não vêm os linguareiros, os literas de pau e manta que nós, com todas as nossas obtusidades, desníveis de ilustração, sem tombos amarelados em casa solarenga, penugentos ou hirsutos talvez, perante as civilizações mirabolantes de tantos jazebandistas que ao nosso lado atroam suas ocas pandeiretas, lhes impomos virtudes clássicas de trabalho e honra, assimilação repentina, perceptibilidade imediata, inteligência, ânimo e perseverança?

Mas deixemo-nos disto que é vanglória, embora o orgulho não seja pecado grave, quando bem medidinho em

em 510 conquistou aos suevos todo o território de Sever. Rijos, valentes como o cerne, à moda daquele seu par D. Guesto que em 844 desancou nos mouros como em centeio verde, a libertar as cem donzelas, suas patrícias e donas, de irem parar às comedorias sensuais do rei de Córdoba, um bestiaga de luxúria e crápula, ou então um tudo-nada tímidos, cautelosos porventura, na jeiteira esperata do célebre Egas Erotis que se escapuliu a corta-mato diante da arremetida do Almacôr, espadeiro mór e fundibulário inclemente, que tudo arrazava a cutiladas cerces quando adregava apanhar cristãos ao alcance das suas unhas.

Por todo o seu território fundavam e dotavam igrejas e mosteiros, cumulando-os de benesses e privilégios que mantivessem a sua população sempre solerte e produtiva, alma limpa e corpo refeito, nas cavas da vinha do Senhor. Entre estes, atribui-se-lhes a fundação do de S. Salvador de Vila-Cova das Donas, da regra beneditina, a cuja existência se referem vários documentos, como um «testamento do ano de 1081» P. M. H. — *Diplomata et Chartae* — em que lhe são legados vários bens, «uma doação de 1131» no arquivo do mosteiro de Ave-Maria, no Porto, «a sentença e confirmação» assinadas em 1269 por D. Afonso III, assegurando-lhe as jurisdições no seu couto como informa a *Benedictina Lusitana*, e ainda